

A rivalidade entre irmãos é tão antiga que já na bíblia é referida um episódio que a descreve: Caim mata Abel por ciúmes da relação que a mãe tinha com o irmão. Essa rivalidade é tão profunda que, por vezes pode assumir contornos de ódio levado ao extremo em que irmãos mais velhos, actuam essa raiva nos mais novos, mais tarde na adolescência ou idade adulta, por não o terem podido manifestar mais cedo na infância, provavelmente porque os pais não lho permitiram. É normal e saudável os irmãos brigarem em crianças, e o motivo é sempre o amor dos pais. Esta situação torna-se complicada quando os pais não sabem gerir essa rivalidade (que acaba sempre por vir á tona mais cedo ou mais tarde), e favorecem sempre um dos filhos, normalmente o mais novo. Essa situação levará a que a criança mais velha se sinta cada vez mais posta de lado (não quer dizer que isso seja real, mas pode ser sentido) e a sua agressividade vai sendo virada para o próprio por não lhe permitirem que a exteriorize. Nas famílias muito conservadoras e rígidas, com uma disciplina muito autoritária, já encontrei situações em que irmãos mais velhos, todos rapazes, com irmãs mais novas raparigas, demonstrem ao fim de algumas sessões um ódio aceso pela irmã mais nova que só tiveram oportunidade de exteriorizar na adolescência aproveitando-se do estatuto de rapaz, a quem os pais dão mais liberdade. Num dos casos havia uma diferença de seis anos, e o irmão assumiu o papel paternal, decidindo onde a irmã ia e com quem, sob a égide de protecção. Na realidade o que estava presente era de facto a rivalidade e a vingança por um amor que não tinha tido. Este homem foi durante anos submetido a um autoridade paterna desmedida que o impediu de viver uma infância e adolescência normal. Quando a irmã atingiu a idade de sair apoderou-se de um papel que lhe permitiu a vingança. Muitas sessões depois foi possível exteriorizar os ciúmes que tinha da irmã, revelando que ela era uma privilegiada pois não tinha passado pelo que ele passou e que tinha muito ressentimento dela por isso. Este é um dos aspectos que encontrei na clínica em dois casos. Haverá outros mas por trás destas actuações está sempre a repetição do modelo parental rígido e opressor, de um pai autoritário e rígido.

- Os irmãos mais velhos que cresceram neste modelo reagem sempre com uma “preocupação” face às primeiras manifestações de autonomia das irmãs mais novas, levando a um controle apertado dessa fase adolescentil em que simultaneamente agem a sua raiva fraterna e até se aproveitam para estar mais fora de casa sob a desculpa de vigiarem a irmã. São semi - adultos frustrados que precisam de exorcizar os seus fantasmas á custa de oprimirem alguém. Esta necessidade acompanha-os pela vida fora, a rivalidade fraterna não fica resolvida e vão actua-la mais tarde em colegas de trabalho

(são os típicos colegas invejosos), esposas, filhos, enfim pelas diversas relações que estabelecem ao longo da vida. Também existe este tipo no feminino.

As raparigas deveriam de pôr um limite a esta autoridade, mas normalmente é muito difícil sair deste ciclo uma vez que tudo é feito com “convivência” dos pais. Tornam-se mulheres deprimidas e passivas e pouco autónomas, aquelas que já tinham uma tendência para a passividade. Outras haverá que, mais resilientes lutam e se livram da tirania fraterna ou até paterna.

Os pais não se deveriam demitir do seu papel parental delegando essa função nos outros filhos, porque é pernicioso para a jovem rapariga acumular modelos masculinos opressores. Mais tarde na escolha de um parceiro irá optar pelo conhecido numa *compulsão á repetição* segundo Freud, perpetuando o ciclo relacional doentio, porque este tipo de relações, baseadas na rivalidade fraterna e opressão parental são patológicos. Grande parte dos casos que aparecem na clínica privada tem por base estas problemáticas.